

# Vida em Sociedade

Mark Twain disse uma vez que "a vida tem um objetivo principal: levar você a fazer coisas em particular que, particularmente, não quer fazer". O que se costuma denominar de obrigação social impõe um ritmo intenso à vida e desperdiça valioso tempo com atividades que muitas vezes não são de nosso interesse. Trata-se de um significativo número de tarefas não essenciais que somos forçados a cumprir por pressão da sociedade. O modelo imposto para implementar a coexistência social nos leva a um modo de vida nada natural. A sociedade impõe uma forma de agir, de vestir, de falar, de cortar os cabelos, de se pentear, de se relacionar com as demais pessoas, além de uma enormidade sem fim de interações e modos de interagir adotados de forma arbitrária ao longo dos anos. Muitos rompem com esses padrões, são os chamados "rebeldes", mas no fundo acredito que, pelo menos em algumas situações, todos tenhamos um desejo de operar fora dos parâmetros preestabelecidos para nosso rebanho.

A adoção de certos padrões mínimos é compreensível para imprimir alguns limites no convívio entre os indivíduos, mas tentar regular cada aspecto do comportamento de um membro do grupo se constitui em um obstáculo para uma existência feliz.

O processamento necessário para interagir segundo esse conjunto absurdo de regras ao longo da vida estabelece um padrão bem acima dos patamares que seriam aceitos, por exemplo, pela avaliação de um médico que, paradoxalmente, vive em fluxo ainda mais intenso que o resto dos mortais, não seguindo para si o que recomendaria aos outros, com excessivos plantões e afazeres em diversos estabelecimentos.

A opressão para a realização das tarefas impostas pela sociedade atinge a todos que nela estão inseridos. Uma solução poderia ser se tornar um eremita, mas essa estratégia possui a desvantagem de afastar não só os malefícios deste estilo acelerado de vida, mas também seus potenciais benefícios, como o acesso à tecnologia, ao entretenimento e a própria companhia, eventual ou não, de alguns membros "da tribo". O ser humano é um animal gregário, social e, por conta desse fato, o isolamento também não seria uma postura natural. Entretanto, o conjunto de

regras que permite sua convivência com os demais integrantes de seu círculo social deve ser minimalista, até para evitar a mecanização do ato de conviver, estipulando uma hora e lugar para a espontaneidade. Uma filosofia pouco conhecida que poderia ser aplicada a essa situação é a do Essencialismo. O essencialista não faz mais coisas em menos tempo, ele apenas faz as coisas certas identificando o que é vital e eliminando o resto. As regras sociais em sua grande maioria são antinaturais e repletas de ações não essenciais, tomemos como exemplo as denominadas "regras de etiqueta à mesa". Uma tarefa simples e natural como se alimentar, inerente a toda forma de vida, é apresentada de modo a torná-la um ritual metódico e insano com diversos itens desnecessários, como uma multiplicidade de talheres e apetrechos desenhados para realizar essencialmente a mesma empreitada, a ingestão de alimentos. A cada item inútil se atribui uma finalidade, o uso para um tipo específico de alimento ou etapa da refeição. Dividir uma atividade tão natural como se alimentar em etapas, por sua vez, é uma tragédia e outra particular forma de insanidade. E esse não é nem de longe o exemplo mais ultrajante em uma sociedade onde impera a falta de pragmatismo. Devido às tradições da colônia japonesa temos um exemplo ainda mais bizarro. Nela existe um ritual denominado de Cerimônia do Chá e, em que pese o fato de ser um evento mais cultural do que social, a referida cerimônia, em seu modo mais formal (denominado *chaji*), que inclui uma refeição tradicional, pode levar até 4 horas para ser realizada e décadas para ser aprendida. Ela é composta de uma minúcia de movimentos, temperaturas e gestos que, como disse antes, apesar de serem culturais, tem o condão de desperdiçar uma vida.

Não acredito que esteja listado entre os hábitos ditos saudáveis a falta de praticidade. A real dificuldade se encontra no fato de que frequentemente não percebemos o quanto essas convenções estão inseridas em nossas rotinas diárias e nem o quanto podem ser nocivas. Elas fazem parte de nossos ensinamentos enquanto crescemos, somos adestrados a agir sob certas circunstâncias de modo automático, quase mecânico, em diversas situações. Esses cursos de ação preprogramados quase nos transformam em autômatos. São atitudes que não questionamos, apenas aceitamos inconscientemente e repetimos.

Não é possível que seja necessário aprender tantos "truques" e agir como animais amestrados para poder viver em



sociedade. A existência de tantas regras e regulamentos, sejam sociais, culturais, ou até, legais não se coaduna com uma interferência mínima em nossa conduta e nos direciona a um comportamento de manada, ou pior, a um tipo de mente coletiva, como o que parece ocorrer em colmeias e formigueiros aniquilando o individualismo. As atitudes de um rebanho, que já foram uma vantagem evolutiva, dando mais força ao grupo e dificultando a ação de predadores, agora se transformaram em desvantagem à medida que facilitam formas de manipulação do grupo, por exemplo, por intermédio de representantes religiosos, como pastores, que passam a indicar quando, onde e porque caminho podemos ir. O único dever da vida em sociedade deveria ser o respeito ao próximo. Nesse sentido, para se participar de uma comunidade e ser útil, não há necessidade de ser acéfalo e se deixar levar pela correnteza comportamental. Podemos e devemos remar para chegar aonde quisermos ir e não aonde o rio, ou alguns fanfarrões, quiserem nos levar.

Um efeito secundário do que podemos chamar de adestramento humano é o embotamento do raciocínio. Com ações programadas, inconscientemente, nos furtamos ao dever de pensar, indagar. Tome como exemplo, as praxes militares, com requintes de pompa, continências, gestos e malabarismos com armas, tudo isso tendo por objetivo fazer com que os soldados, condicionados pelo intenso treinamento, ajam sem o benefício do pensamento lógico, de modo instintivo. Apesar de, em combate, ser eficaz o desenvolvimento de falsos instintos por intermédio de repetições, com o consequente aumento na velocidade de resposta em situações de perigo, é um contrasenso transformar um ser humano em uma máquina desprezando seu maior diferencial evolutivo que é a mente, treinado-a para não pensar, só agir.

Em última análise, cumpre-se ressaltar que, fora de situações excepcionais, não podemos nos render à facilidade de deixar que outras pessoas tomem nossas decisões ou nos condicionem a fazê-lo de forma automática. Existe espaço para um *way of life* próprio, para o individualismo ou, em outras palavras, para um modo de vida personalizado dentro da sociedade que respeite nossa própria idiossincrasia.